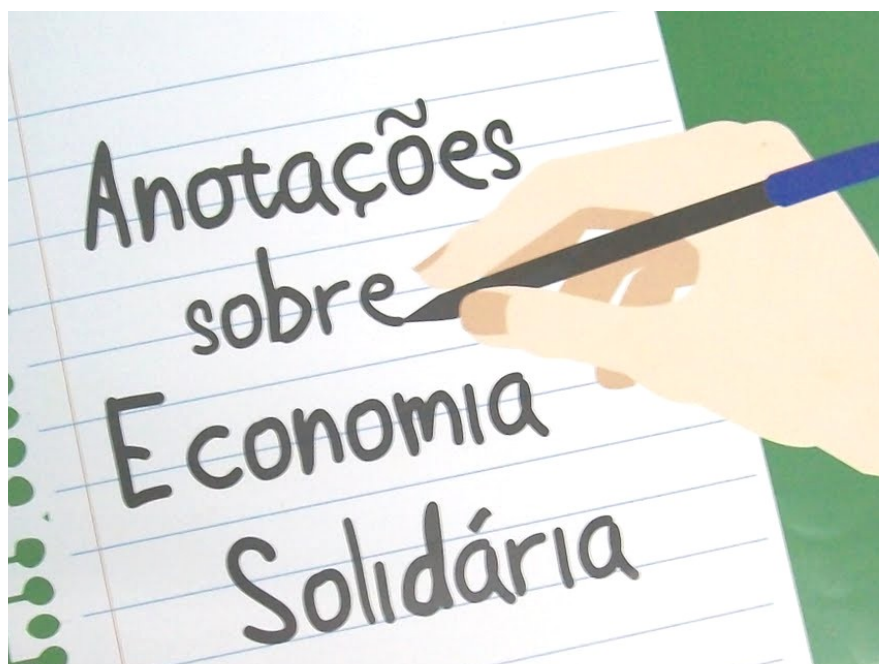




Caderno de apoio a Organização do Movimento

Seminário de Formação do FGEPS



Apresentação

A idéia desse Caderno é facilitar a organização do Movimento de Economia Solidária desde a sua base pois não há Movimento forte se não tivermos bases articuladas, organizadas, fazendo o debate político do Movimento. Iniciamos essa organização com a proposta de que outros possam contribuir, compartilhando seus instrumentos de organização, seus modos de fazer a luta e a construção da ECOSOL. As referências aqui listadas tem por base os documentos do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES, do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR e de algumas experiências de fóruns locais de municípios gaúchos. Este é, portanto, um documento em construção que serve apenas de orientação básica e fonte de consulta.

Vejamos primeiro quem integra ou dialoga com a ECOSOL no Brasil:



Temos instâncias de organização que vão desde o local ao nacional:

Fórum Municipal > Fórum Regional > Fórum Estadual > Fórum Microrregional > **FBES**

Nessas instâncias se reúnem os segmentos que compõem a ECOSOL: empreendimentos, entidades de apoio e fomento, gestores públicos.

Nosso documento maior é a Carta de Princípios:

Carta de Princípios da Economia Solidária

Em junho de 2003, a III Plenária Nacional da Economia Solidária, após debates em 18 estados brasileiros, aprovou a Carta de Princípios, abaixo. Essa carta pretende ser a identidade do Fórum Brasileiro da Economia Solidária, criado naquela ocasião. Ela tem 3 partes distintas que se complementam: a história e o momento atual; os princípios gerais e específicos; o que a economia solidária não é.

1. Origem

A Economia Solidária ressurge hoje como resgate da luta histórica dos(as) trabalhadores(as), como defesa contra a exploração do trabalho humano e como alternativa ao modo capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza.

Nos primórdios do capitalismo, as relações de trabalho assalariado – principal forma de organização do trabalho nesse sistema – levaram a um tal grau de exploração do trabalho humano que os(as) trabalhadores(as) organizaram-se em sindicatos e em empreendimentos cooperativados. Os sindicatos como forma de defesa e conquista de direitos dos/as assalariados/as e os empreendimentos cooperativados, de auto-gestão, como forma de trabalho alternativa à exploração assalariada.

As lutas, nesses dois campos, sempre foram complementares; entretanto a ampliação do trabalho assalariado no mundo levou a que essa forma de relação capitalista se tornasse hegemônica, transformando tudo, inclusive o trabalho humano, em mercadoria.

As demais formas (comunitárias, artesanais, individuais, familiares, cooperativadas, etc.) passaram a ser tratadas como “resquícios atrasados” que tenderiam a ser absorvidas e transformadas cada vez mais em relações capitalistas.

A atual crise do trabalho assalariado, desnuda de vez a promessa do capitalismo de transformar a tudo e a todos/as em mercadorias a serem ofertadas e consumidas num mercado equalizado pela “competitividade”. Milhões de trabalhadores/as são excluídos dos seus empregos, amplia-se cada vez o trabalho precário, sem garantias de direitos. Assim, as formas de trabalho chamadas de “atrasadas” que deveriam ser reduzidas, se ampliam ao absover todo esse contingente de excluídos.

Hoje, no Brasil, mais de 50% dos trabalhadores/as, estão sobrevivendo de trabalho à margem do setor capitalista hegemônico, o das relações assalariadas e “protegidas”. Aquilo que era para ser absorvido pelo capitalismo, passa a ser tão grande que representa um desafio cuja superação só pode ser enfrentada por um movimento que conjugue todas essas formas e que desenvolva um projeto alternativo de economia solidária.

Neste cenário, sob diversos títulos -economia solidária, economia social, socioeconomia solidária, humanoeconomia, economia popular e solidária, economia de proximidade, economia de comunhão etc -, têm emergido práticas de relações econômicas e sociais que, de imediato, propiciam a sobrevivência e a melhora da qualidade de vida de milhões de pessoas em diferentes partes do mundo.

Mas seu horizonte vai mais além. São práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

As experiências, que se alimentam de fontes tão diversas como as práticas de reciprocidade dos povos indígenas de diversos continentes e os princípios do cooperativismo gerado em Rochdale, Inglaterra, em meados do século XIX, aperfeiçoados e recriados nos diferentes contextos socioculturais, ganharam múltiplas formas e maneiras de expressar-se.

2. Convergências -O que é a Economia Solidária

Princípios gerais:

Apesar dessa diversidade de origem e de dinâmica cultural, são pontos de convergência:

- a valorização social do trabalho humano,
- a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica,
- o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade,
- a busca de uma relação de intercâmbio respeitoso com a natureza, e
- os valores da cooperação e da solidariedade.

A Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida.

- O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humanos e não o capital- dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas.

- A Economia Solidária representa práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

-A Economia Solidária busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios.

-A Economia Solidária busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.

-Para a Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de um empreendimento, mas se define também como eficiência social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema.

-A Economia Solidária é um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana.

Princípios específicos

Por um sistema de finanças solidárias:

-Para a Economia Solidária o valor central é o direito das comunidades e nações à soberania de suas próprias finanças. São alguns dos elementos fomentadores de uma política autogestionária de financiamento do investimento do nível local ao nacional:

-*A nível local, micro, territorial:* os bancos cooperativos, os bancos éticos, as cooperativas de crédito, as instituições de microcrédito solidário e os empreendimentos mútuos, todos com o objetivo de financiar seus membros e não concentrar lucros através dos altos juros, são componentes importantes do sistema socioeconômico solidário, favorecendo o acesso popular ao crédito baseados nas suas próprias poupanças.

-*A nível nacional, macro, estrutural:* a descentralização responsável das moedas circulantes nacionais e o estímulo ao comércio justo e solidário utilizando moedas comunitárias; o consequente empoderamento financeiro das comunidades; o controle e a regulação dos fluxos financeiros para que cumpram seu papel de meio e não de finalidade da atividade econômica; a imposição de limites às taxas de juros e aos lucros extraordinários de base monopólica, o controle público da taxa de câmbio e a emissão responsável de moeda nacional para evitar toda atividade especulativa e defender a soberania do povo sobre seu próprio mercado.

Pelo desenvolvimento de Cadeias Produtivas Solidárias:

A Economia Solidária permite articular solidariamente os diversos elos de cada cadeia produtiva, em redes de agentes que se apoiam e se complementam:

-Articulando o consumo solidário com a produção, a comercialização e as finanças, de modo orgânico e dinâmico e do nível local até o global, a economia solidária amplia as oportunidades de trabalho e intercâmbio para cada agente sem afastar a atividade econômica do seu fim primeiro, que é responder às necessidades produtivas e reprodutivas da sociedade e dos próprios agentes econômicos.

-Consciente de fazer parte de um sistema orgânico e abrangente, cada agente econômico busca contribuir para o progresso próprio e do conjunto, valorizando as vantagens cooperativas e a eficiência sistêmica que resultam em melhor qualidade de vida e trabalho para cada um e para todos.

-A partilha da decisão com representantes da comunidade sobre a eficiência social e os usos dos excedentes, permite que se faça investimentos nas condições gerais de vida de todos e na criação de outras empresas solidárias, outorgando um caráter dinâmico à reprodução social.

-A Economia Solidária propõe a atividade econômica e social enraizada no seu contexto mais imediato, e tem a territorialidade e o desenvolvimento local como marcos de referência, mantendo vínculos de fortalecimento com redes da cadeia produtiva (produção, comercialização e consumo) espalhadas por diversos países, com base em princípios éticos, solidários e sustentáveis.

-A economia solidária promove o desenvolvimento de redes de comércio a preços justos, procurando que os benefícios do desenvolvimento produtivo sejam repartidos mais equitativamente entre grupos e países.

-A economia solidária, nas suas diversas formas, é um projeto de desenvolvimento destinado a promover as pessoas e coletividades

sociais a sujeito dos meios, recursos e ferramentas de produzir e distribuir as riquezas, visando a suficiência em resposta às necessidades de todos e o desenvolvimento genuinamente sustentável.

Pela construção de uma Política da Economia Solidária num Estado Democrático

- A Economia Solidária é também um projeto de desenvolvimento integral que visa a sustentabilidade, a justiça econômica, social, cultural e ambiental e a democracia participativa.

- A Economia Solidária estimula a formação de alianças estratégicas entre organizações populares para o exercício pleno e ativo dos direitos e responsabilidades da cidadania, exercendo sua soberania por meio da democracia e da gestão participativa.

- A Economia Solidária exige o respeito à autonomia dos empreendimentos e organizações dos trabalhadores, sem a tutela de Estados centralizadores e longe das práticas cooperativas burocratizadas, que suprimem a participação direta dos cidadãos trabalhadores.

- A economia solidária, em primeiro lugar, exige a responsabilidade dos Estados nacionais pela defesa dos direitos universais dos trabalhadores, que as políticas neoliberais pretendem eliminar.

- Preconiza um Estado democraticamente forte, empoderado a partir da própria sociedade e colocado ao serviço dela, transparente e fidedigno, capaz de orquestrar a diversidade que a constitui e de zelar pela justiça social e pela realização dos direitos e das responsabilidades cidadãos de cada um e de todos.

- O valor central é a soberania nacional num contexto de interação respeitosa com a soberania de outras nações. O Estado democraticamente forte é capaz de promover, mediante do diálogo com a Sociedade, políticas públicas que fortalecem a democracia participativa, a democratização dos fundos públicos e dos benefícios do desenvolvimento.

- Assim, a Economia Solidária pode constituir-se em setor econômico da sociedade, distinto da economia capitalista e da economia estatal, fortalecendo o Estado democrático com a irrupção de novo ator social autônomo e capaz de avançar novas regras de direitos e de regulação da sociedade em seu benefício.

3. A Economia Solidária não é:

- A economia solidária não está orientada para mitigar os problemas sociais gerados pela globalização neoliberal.

- A Economia solidária rejeita as velhas práticas da competição e da maximização da lucratividade individual.

- A economia solidária rejeita a proposta de mercantilização das pessoas e da natureza às custas da espoliação do meio ambiente terrestre, contaminando e esgotando os recursos naturais no Norte em troca de zonas de reserva no Sul.

- A economia solidária confronta-se contra a crença de que o mercado é capaz de auto-regular-se para o bem de todos, e que a competição é o melhor modo de relação entre os atores sociais.

- A economia solidária confronta-se contra a lógica do mercado capitalista que induz à crença de que as necessidades humanas só podem ser satisfeitas sob a forma de mercadorias e que elas são oportunidades de lucro privado e de acumulação de capital.

- A economia solidária é uma alternativa ao mundo de desemprego crescente, em que a grande maioria dos trabalhadores não controla nem participa da gestão dos meios e recursos para produzir riquezas e que um número sempre maior de trabalhadores e famílias perde o acesso à remuneração e fica excluído do mercado capitalista.

- A economia solidária nega a competição nos marcos do mercado capitalista que lança trabalhador contra trabalhador, empresa contra empresa, país contra país, numa guerra sem tréguas em que todos são inimigos de todos e ganha quem for mais forte, mais rico e, frequentemente, mais trapaceiro e corruptor ou corrupto.

- A economia solidária busca reverter a lógica da espiral capitalista em que o número dos que ganham acesso à riqueza material é cada vez mais reduzido, enquanto aumenta rapidamente o número dos que só conseguem compartilhar a miséria e a desesperança.

- A economia solidária contesta tanto o conceito de riqueza como os indicadores de sua avaliação que se reduzem ao valor produtivo e mercantil, sem levar em conta outros valores como o ambiental, social e cultural de uma atividade econômica.

- A Economia solidária não se confunde com o chamado Terceiro Setor que substitui o Estado nas suas obrigações sociais e inibe a emancipação dos trabalhadores enquanto protagonistas de direitos. A Economia Solidária afirma, a emergência de novo ator social de trabalhadores como sujeito histórico.

Modelo de carta de adesão

TERMO DE ADESÃO AO FÓRUM DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Nós, integrantes do _____ do seguimento de _____, declaramos nossa Adesão ao Fórum Estadual de Economia Solidária - FEES, como instância de representação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) no estado. Declaramos, para os devidos fins, que conhecemos e estamos de acordo com a Carta de Princípios, os Eixos e bandeiras de luta do FEBS e nos comprometemos, como membros deste Movimento, a partir de nossa comunidade, através de nossa iniciativa de economia solidária que juntos solidariamente vamos contribuir e participar do Fórum para a plena realização dos seus objetivos.

Nome do EES/EAF/GP: _____

Endereço: _____

Fone: _____ e-mail: _____

Sítio/Blog/Rede Sociais: _____

Nome dos(as) responsáveis pelo contato com o FEES: _____

CPF _____ RG _____ SSP/ _____

Endereço: _____

CEP: _____ Bairro _____

Cidade: _____ UF; _____

Fone: _____ e-mail: _____

Local, ____ de _____ de _____

(nome e assinatura dos responsáveis pelo EES/EAF/GP)

Testemunhas: 1- _____

2- _____

Modelo para cadastro de participantes

FICHA DE CADASTRO DOS/AS PARTICIPANTES

Instituição/empreendimento: _____
Nome fantasia: _____
Endereço: _____ nº _____
Bairro: _____ complem.: _____
Município: _____ uf: _____ cep: _____
Telefones: _____
E-mail: _____
Página na internet: _____
Ano de início: _____ nº de sócias(os) : _____ mulheres: _____ homens: _____
Participa deste fórum desde: _____/_____/_____
Participa de outros fóruns? Quais e a quanto tempo?

Qual a comunidade de origem: _____

Quais as comunidades que atuam: _____

Quais as ações da entidade/atividade econômica: _____

Quais principais matérias-primas que utiliza para produção: _____

Quais principais resíduos que gera: _____

Representantes no Fórum:

titular: _____

e-mail: _____ rg: _____ tel.: _____

suplente: _____

e-mail: _____ rg: _____ tel.: _____

Autoriza divulgação dos contatos por meio eletrônico ou catálogo: () sim () não

Qual o impacto da participação no fórum para as ações empreendimento ou entidade?

Data de preenchimento da ficha: ____/____/____

ASSINATURA DO REPRESENTANTE DA
ENTIDADE, REDE OU EMPREENDIMENTO

ASSINATURA DO REPRESENTANTE DA
COORDENAÇÃO EXECUTIVA DO FÓRUM DE
ECONOMIA SOLIDARIA

COMO ORGANIZAR UMA REUNIÃO

(Dicas da Cartilha do MNCR)

- 1) Abertura:** quem coordena ou quem convoca, abre dizendo os objetivos desta: a Pauta!
- 2) Apresentação:** todos devem se apresentar a menos que todos já se conheçam. Mas se tiver um convidado ou visitante ou alguém novo, todos devem se apresentar.
- 3) Escolher a(o) coordenador(a) e a(o) relator(a) da reunião:** toda reunião deve ter um(a) coordenador(a) próprio, eleito na reunião, que vai conduzir a pauta e garantir que todos tenham direito de falar, e encaminhando as resoluções. E um(a) relator(a) também eleito ou indicado pelo coordenador(a), que vai fazer as anotações dos principais debates e dos encaminhamentos. Indica-se a escolha de um(a) coordenador(a) e de um(a) relator(a)/secretário(a) diferente para que todos possam se acostumar com essas tarefas.
- 4) Definições da pauta:** A pauta deve incluir leitura/aprovação da Ata anterior ou a do dia, ao final da reunião; os relatos das representações feitas pelas lideranças em viagens ou eventos, além da prestação de contas de tarefas pendentes; o grupo pode avaliar como conduzir a pauta, acrescentando ou retirando assuntos, estabelecendo a ordem em que vão ser tratados, de acordo com a prioridade dos temas.
- 5) O debate:** É importante definir um tempo para cada ponto da pauta (em minutos) para auxiliar no controle e garantir que os temas sejam encaminhados. Também é importante determinar o tempo total da reunião afim de que não se torne interminável, cansativa ou vazia antes dos encaminhamentos necessários serem feitos.
- 6) Conclusão:** Discutidos os assuntos encerra-se a reunião. Não se deve deixar que ela se esvazie ficando meio acabada... Caso a pauta não tenha sido vencida, remarca-se ou fica a pendência para o próximo encontro ordinário.

Papéis dos participantes:

Coordenador(a) da reunião: Sem ela(e) é difícil ter uma reunião organizada. Os principais cuidados são o tempo estabelecido para cada assunto, a pontualidade no início e no fim da reunião. O coordenador(a) não é o chefe e não impõe sua opinião. Primeiro ouve todas as posições e depois dá a sua. A(o) coordenador(a) deve conduzir para que as decisões sejam do coletivo, encaminhando as votações quando necessário. A(o) coordenador(a) deve manter o controle da reunião exigindo respeito aos companheiros e aos acordos estabelecidos. A(o) coordenador(a) precisa saber passar a palavra e fazer com que todos expressem a sua posição, evitando que sempre os mesmos falem ou decidam. Deve dar coragem aos inibidos e cortar a palavra dos mais tagarelas e cuidar para que não se saia dos assuntos da pauta em conversas paralelas.

Os demais participantes: Devem cooperar e procurar não atrapalhar o andamento da reunião. Cumprir os combinados iniciais da pauta. Se inscrever e esperar a vez de fala, nunca falando mais de um ao mesmo tempo. Colocar as posições claramente, sem medo ou vergonha. Não contar casos fora dos assuntos discutidos. Falar sempre para o grupo e nunca para o vizinho ao lado. Fazer críticas quando as coisas não andam bem. "Falar depois da reunião é dar remédio para defunto", não adianta mais. Somar, multiplicar e elevar as posições acreditando na força e na unidade das decisões coletivas.

<http://e.eita.org.br/mncr>

**REGISTRO DA REUNIÃO DE GRUPO/EMPRENDIMENTO
DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**

FÓRUM: _____

NOME DO GRUPO: _____

LOCAL DA REUNIÃO: _____ DATA E HORA: _____

NOME	GRUPO	E-MAIL/REDE SOCIAL	TELEFONE	ASSINATURA

PAUTA:
.....
.....

ENCAMINHAMENTOS:
.....
.....
.....
.....
.....
.....

RESPONSÁVEL PELO RELATO:.....

Sobre a forma de registro das reuniões:

Na maioria das reuniões não há necessidade de uma Ata formal, bastando o registro da atividade para documentar encaminhamentos coletivos e facilitar a sua retomada depois. Quando o número de participantes é maior, pode-se adotar um livro para registro das presenças. A ata mais formal será importante nas plenárias em que houver eleições de coordenação ou de alterações no Regimento Interno. No Regimento Interno estão as regras definidas coletivamente, tendo como horizonte a Carta de Princípios do FBES, que orientam as atividades de cada Fórum e a sua organização.

Veja também o relatório da V Plenária no site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Ele consolida os debates realizados no período preparatório de quase dois anos e indica elementos importantes para o horizonte político do movimento de economia solidária para o próximo triênio (2013-2015), expressados neste documento final.

<http://e.eita.org.br/plenaria>

Veja modelos de Regimento Interno em:

<http://e.eita.org.br/regimento>

OUTRAS REFERÊNCIAS

Cartilha dos 10 anos do FBES

<http://e.eita.org.br/fbes10>

Neste material buscamos trazer uma síntese sobre os acúmulos de nossa história, organização e pauta política de forma que ajude na orientação dos fóruns locais, microrregionais, estaduais e nacional, e para a aproximação de mais interessados na economia solidária. Sabemos que cada um dos 164 fóruns locais, microrregionais e estaduais que formam o que chamamos de FBES tem sua própria história, conquistas e lutas locais, articuladas com o movimento da economia solidária e com os demais fóruns do país. Esperamos que este ano de comemorações ajude a cada fórum local a resgatar sua história, pensar e planejar nossa luta conjunta, à luz das recentes deliberações e orientações da V Plenária Nacional de Economia Solidária.

Um pouco da nossa história

(Resgate histórico das lutas sociais proposto pelo Mov. Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR)

"Ao contrário do que a elite brasileira tenta nos fazer acreditar, não somos um povo de falsos malandros, vagabundos e covardes. Desde as primeiras flechas e tacapes lançadas contra os invasores até a última foice e facão dos sem-terra, piquetes com carrinhos e carroças viemos lutando por nossos destinos."

<http://e.eita.org.br/luta>